

## **A tese sobre a influência da *Folha de S. Paulo* na formação do modelo de desenvolvimento econômico brasileiro (2003-2006)**

### *Problema, Objeto e método*

**Maria Fabíola Ramos Caraméz Carlotto**

mariaf@usp.br

(Doutoranda do PPGHE-FFLCH/USP)

### **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo discutir questões metodológicas que se impõem ao pesquisador de história econômica que pesquisa nas bases de dados das plataformas digitais dos arquivos contemporâneos. Considerando que um dos maiores problemas para o pesquisador na atualidade tem sido encontrar um método específico quando precisa manejar um volume imenso de dados armazenados nas bases digitais das plataformas online. Por isso, a escolha de um método ajustado foi também o maior problema desta pesquisa. Na medida que envolveu pensar a organização metodológica dos dados associada à análise crítica teórica. Em outras palavras, foi necessário estabelecer uma teoria que fornecesse palavras-chave de busca adequada ao ponto de vista da ordem arquivística e dessa conta do problema essencial da tese. E que esse achado, em seu conjunto, indicasse um roteiro, uma unidade de pressupostos teóricos capazes de viabilizar os objetivos traçados. Neste relato apresento como foram organizados os critérios de uma pesquisa quantitativa com um corpus serial contendo 1.460,00 documentos. Após análise de conteúdo, os dados foram transformados em indicadores de busca e premissas argumentativas. Estes justificaram a defesa da tese diante da pergunta: a Folha de S. Paulo influenciou no modelo de desenvolvimento econômico brasileiro (2003-2006)?

### **Palavras-chave:**

Procedimentos metodológicos; problema de pesquisa, objeto, arquivos digitais da imprensa; O Projeto Folha; modelo de desenvolvimento econômico brasileiro (2003-2006), análise de conteúdos arquivísticos

## O problema de pesquisa na História Econômica com fonte serial

Este trabalho considera como ponto de partida a afirmação de que o historiador estabelece um modelo prévio de procedimentos, um método, sem o qual a pesquisa não se viabiliza. Também considera inquestionável a afirmação de que o “conhecimento histórico se constrói com informações e conceitos, com observação e com o pensamento formal”. Nessa linha de análise, achamos essencial afirmar que o historiador não escolhe a fonte a ser trabalhada, mas sim o problema de pesquisa a ser investigado leva à fonte. “Quer dizer, é o problema que condiciona a fonte e não o contrário, ao menos em um correto entendimento do que é o progresso dos acontecimentos” (ARÓSTEGUI,2006:488).

E quando bem pensado o “progresso dos acontecimentos,” no caso do pesquisador da história recente, o problema a ser investigado leva, por óbvio, às fontes da imprensa. O que envolve ter um ‘modelo prévio de procedimentos’ estabelecido, pois, trata-se de um arquivo serial, isto é, organizado em uma série de acontecimentos ou formatos textuais.

Por outro lado, as fontes seriadas constituem também elemento de reflexão dos critérios de classificação empregados na pesquisa quantitativa, que por anos fez escola na pesquisa histórica nas fontes documentais dos dados organizados em séries. A historiografia quantitativa começou com a história econômica de Simiand; Labrousse e Braudel. E foi uma produção determinante da *Escola dos Annales* no século passado.

Neste século, uma rediscussão das fontes, formatos e ordem arquivística se impõe após a revolução tecnológica que transformou o documento em dado, digital e imaterial. E o volume de documentos a ser quantificado na produção historiográfica se agigantou com a transformação da base material documental em imaterial. Essa realidade exige dos pesquisadores novos métodos e novas abordagens no campo da historiografia de dados. Por fim, supondo que o historiador tenha um roteiro prévio de procedimentos e de critérios que conduzam objetivos para extrair do gigantesco volume o problema essencial.

De um modo geral, este é um dos objetivos amplos deste ensaio. O de abrir discussões sobre o método mais adequado e, ao mesmo tempo, colocar em perspectiva a trajetória

da pesquisa quantitativa na produção historiográfica da disciplina de História Econômica.

E trazer para essa discussão a necessidade de pensar novos problemas, teoria e métodos.

Na atualidade, o manejo das fontes se alterou, impactando mais no método da pesquisa quantitativa, isto porque, a revolução tecnológica trouxe ao historiador um volume de dados gigantescos disponíveis ao acessar fontes armazenadas nos arquivos digitalizados.

Diante dessas novas questões, aproveito a oportunidade do XIII Congresso de História Econômica do Programa de Pós-Graduação em História Econômica (PPGHE) FFLCH/USP, para discutir esses procedimentos. E, nessa ocasião, apresentar os *Problemas, Objetos e Métodos*, que encontrei ao desenvolver minha pesquisa na fonte e na base de dados online, com um corpus composto de 1.460 documentos seriais do acervo do jornal Folha de S. Paulo. Ao mesmo tempo, apresentar as hipóteses e achados da tese.

### **Apresentação teórica da pesquisa, fonte, tema e objetivos**

Na chave de que o historiador não encontra ‘fatos’, como diria Lucien Febvre (1922), mas analisa a realidade orientado por seu próprio raciocínio, passo a apresentar como organizei, metodologicamente, minha pesquisa de doutorado a partir de um corpus composto de 1460 documentos digitalizados na base de dados do jornal *Folha de S. Paulo*

A defesa foi formulada na linha de pesquisa da história do pensamento econômico, tendo como problema uma hipótese pensada na dimensão da história estrutural da imprensa. A tese parte de trabalhos anteriores da história da imprensa no Brasil (Sodré, 1977) e da *Folha S. Paulo* (Mota; Capelato, 1981), que dimensionam a imprensa como fonte essencial e inseparável para compreensão do processo histórico da República no Brasil. O que explica o roteiro para interrogar a fonte, aplicado na análise documental que questiona: **Como a Folha de S. Paulo opinou sobre o modelo de desenvolvimento econômico brasileiro (2003-2006)?** Partindo de um estudo prévio na história estrutural que permitiu formular a premissa orientadora: Imprensa brasileira e o poder da opinião.

No 1º Capítulo, sigo o método da história estrutural para ir buscar no desenvolvimento da história da imprensa no Brasil como foi sendo construído esse poder da opinião. E de forma mais específica, na história da *Folha de S. Paulo*, a partir de pesquisa bibliográfica.

No 2º Capítulo, apresento reflexões teóricas sobre os modelos de desenvolvimento econômico no âmbito geral e de forma específico, relacionado à história dos modelos econômicos de desenvolvimento no Brasil até o período que foi delimitado (2003-2006). Concluo com fundamentos teóricos econômicos para pensar o modelo desse período em três chaves da teoria econômica que se aplicam à conjuntura das questões mais essenciais em debate no período, isto é, **terra, capital e trabalho**. O que ao mesmo tempo será base analítica e metodológica dos descritores de busca da pesquisa nos arquivos digitalizados.

No 3º Capítulo, a pesquisa visa levantar o debate analítico nas páginas do jornal FSP sobre questões que envolveram o mundo do **trabalho**. O que neste período já apresentava características de crise. O que se refletiu na criação de redes sociais de apoio, criadas para transferência de renda e superar desigualdades, tais como, o programa Bolsa Família.

No 4º Capítulo, interrogo os documentos da perspectiva da palavra-chave de busca: **terra**. O que envolveu trabalhar com a contradição, de um lado, o início do boom das commodities do agronegócio, de outro, o conflito das invasões, que impulsionou o maior movimento social agrário de contestação no campo, o Movimento dos Sem-Terra (MST).

No 5º e último capítulo, os descritores de busca dão relevo à questão central e às categorias relacionadas ao debate do capital financeiro no Brasil, que neste período torna-se crucial para entender as bases do modelo de desenvolvimento econômico (2003-2006).

Na conclusão, a tese busca comprovar questões inicialmente elaboradas nas hipóteses e na história estrutural, dando destaque para a orientação editorial determinante do Projeto Folha. Do ponto de vista metodológico, busca comprovar que os documentos ainda que em grande volume digital, precisam ser interrogados segundo um roteiro prévio de observação e uma visão direcionada à formação de uma consciência crítica nos cidadãos (BLOCH, 2002).

### **Método, teoria e conceito norteador**

Conforme já dito, o projeto tem por referência o debate sobre o modelo de desenvolvimento econômico do Brasil no período de 2003-2006. Portanto, para o desenho desse ‘modelo’, um dos critérios seria adotar o **conceito norteador de desenvolvimento econômico como referencial teórico**. De forma mais simplificada, é preciso dizer que o conceito está associado às condições de vida da população. Mas se completa e se efetiva

com as dimensões do crescimento econômico, através dos fatores principais de produção e de distribuição de renda, que impulsionam o conceito de desenvolvimento econômico.

A **teoria econômica clássica**, naquilo que dispõe sobre os principais fatores de produção: Terra, Capital e Trabalho, é a que apresenta os indicadores mais adequados para acessar a fonte da pesquisa. Em parte, pela pertinência ao tema, mas sobretudo, por mapear uma amostragem serial mais ajustada ao desempenho do modelo de desenvolvimento brasileiro de 2003-2006, no âmbito desse debate. Ao mesmo tempo, os três fatores macroeconômicos estão relacionados a outras subcategorias conceituais, que organizados em dados de busca ou palavras-chave, acessam significados informativos que agregam valor à compressão da narrativa desenvolvida. No caso dos dados organizados na ordem categorizada, de acesso e busca na fonte e em palavras-chaves correlacionadas aos conceitos e a teoria orientadora fornecem um **passo metodológico**:

- Os fatores de busca por palavras-chaves deverão ser pensados levando-se em conta os seguintes pressupostos dos fatores de produção:

1ª Na chave da categoria **Terra**

- “Na teoria econômica, o termo "Terra" refere-se a todos os recursos naturais disponíveis na natureza que são utilizados na produção de bens e serviços.
- Isso inclui recursos como terra cultivável, minerais, água, petróleo, florestas e outros recursos renováveis e não renováveis.
- A remuneração pela utilização da terra é chamada de renda da terra. Essa renda pode vir na forma de aluguel pago por áreas de terra utilizadas na agricultura, mineração ou outros usos produtivos.
- Os movimentos de luta no campo e ocupação da terra, debate sobre a reforma agrário e modelo de ocupação da terra nesse período
- Debate sobre a organização latifundiária no Brasil (2003-2006)
- O modelo econômico brasileiro (2003-2006) diante da questão Terra e dos problemas que ocorreram no campo com o Movimento dos Sem-Terra (MST)

### 2ª Na chave da categoria **Capital**

- O capital representa todos os bens produzidos pelo homem que são usados na produção de outros bens e serviços.
- Isso inclui máquinas, equipamentos, ferramentas, instalações industriais, edifícios, veículos, tecnologia, entre outros ativos utilizados nas atividades produtivas.
- O capital é uma forma de investimento que os produtores utilizam para aumentar a eficiência e a produtividade na produção de bens e serviços.
- A remuneração pelo uso do capital é chamada de juros, que é a compensação recebida pelos proprietários do capital pelo seu uso na produção.
- Debates envolvendo a nova moeda e a internacionalização do capital
- Mercado financeiro e abertura de capital B3 e seu desempenho
- O modelo diante da questão Capital/monetária e do mercado de capitais

### 3ª Na chave da categoria **Trabalho**

- O trabalho refere-se ao esforço humano e às habilidades empregadas na produção de bens e serviços.
- Isso inclui o trabalho físico realizado por operários, o trabalho intelectual de profissionais, como engenheiros e cientistas, e todas as formas de trabalho humano que contribuem para a produção econômica.
- A remuneração pelo trabalho é chamada de salário, que é o pagamento recebido pelos trabalhadores em troca de seu trabalho e tempo dedicado à produção.
- O debate sobre o salário-mínimo e o mercado de trabalho, como índice de emprego e desemprego no período.

- O modelo diante da questão trabalho e da crise do desemprego que se acentuou com a transformação da revolução tecnológica no período de transição para o novo Milênio.
- O debate envolvendo a chegada ao poder no Brasil de um líder sindical e do Partido dos trabalhadores no momento de crise do trabalho e da empregabilidade formal.

## **Achados e o problema histórico da pesquisa**

Como a pesquisa ainda está em andamento, apresento como cheguei na afirmação sobre o elemento estruturante que orientou a organização das hipóteses do modelo prévio. Considerando que esse roteiro se tornou essencial para que a tese se efetivasse de forma metodológica. Orientada por um estudo prévio que definiu o objetivo geral, isto é, **Imprensa brasileira e o poder da opinião.**

Para isso, precisarei dizer que trabalhei na conjugação de duas Linhas de Pesquisa: História da Imprensa no Brasil e História do Pensamento Econômico. Isso porque quando entrei na Pós-Graduação, eu era do Programa de História Social e acabei sendo transferida para o Programa de História Econômica em função do objeto, mas conservei minha formação em investigar na História da Imprensa e nas fontes represadas nesses arquivos.

Acho importante dizer dessa trajetória porque a defesa está organizada, na Primeira Parte, em História da Imprensa no Brasil. E dessa forma, dou continuidade ao mestrado, ao retomar uma linha de pesquisa do Departamento de História da FFLCH, sobre o tema.

Nesta etapa, apresento uma síntese de uma pesquisa estrutural sobre a especificidade da formação da imprensa brasileira. Demonstrando que o nascimento da imprensa e do Brasil Independente são contemporâneos e se interrelacionam no mesmo movimento ‘revolucionário’ por independência e legitimidade. Em breve síntese, se pode concluir que a imprensa, ao mesmo tempo que lutava politicamente por se legitimar, tinha uma causa. Por isso, opinava, intervia no transcurso do conjunto dos fatos no processo político, da Independência à República. Com a organização econômica do País, a imprensa e o seu poder de invenção transformaram os jornais impressos em um lugar estratégico de combate no ciclo cafeeiro. Esse poder teve fases de avanços e recuos no Brasil República

Grande parte da Imprensa brasileira na República Velha, embora estive sob a tutela de organizações e pressões de grupos oligárquicos, na Primeira República, sob pressão, recuou. Porém, avançou em processos, de artesanal para industrial. No Estado Novo, já em formato de grande imprensa, sofre tutela e censura, resistiu e avançou no pós-Guerra. Na segunda metade do século 20, a imprensa brasileira já contava com uma estrutura de negócio e de poder considerável. Alguns conglomerados econômicos com poder de influenciar em decisões nacionais e porta-vozes de uma tendência interpretativa na comunicação nacional. A exemplo de Irineu Marinho, (O Globo); Assis Chateaubriand, (Diários Associados); Fundação Cásper Líbero (Gazeta); Adolfo Bloch, (Manchete); Víctor Civita, (Abril); Carlos Lacerda, (Tribuna da Imprensa); Samuel Wainer, (Última Hora). Outros testemunharam o fim do Império e sobreviveram combatendo na República como Diário de Pernambuco (1825) *O Estado de S. Paulo* (1875), Jornal do Comércio (1928). E entre os mais novatos na República, o *Jornal do Brasil* (1891) e a *Folha da Noite*. (1921), que em 1960 fundiu três edições na versão atual *Folha de S. Paulo* (FSP).

No Primeiro Capítulo da defesa, apresento uma síntese dessa trajetória da imprensa brasileira, organizada no método da história estrutural. O que permitiu afirmar o subtítulo da tese: *Imprensa brasileira e o poder da opinião*. Dessa amostragem, a pesquisa selecionou o jornal mais recente (1921), que dessa geração se dizia o mais moderno. E que surgiu no contexto no processo político dos anos 1920, resistindo às pressões do Estado Novo sobre a imprensa paulista. O que explica o termo figurado, ‘barões do café’ na imprensa paulista. Referência ao apoio econômico à frente de resistência da imprensa paulista sob censura no Estado Getulista, que manteve sob intervenção e censura entre (1939-1945), o maior representante da política do cafeeira, o jornal *O Estado de S. Paulo*.

### O problema de pesquisa leva à fonte

Um grupo de jornalistas do jornal *O Estado de S. Paulo* se une para fundar o jornal *Folha da Noite*, em 1921. Agora entrando mais no objetivo específico, que é a trajetória narrativa da atual *Folha de S. Paulo* (FSP). Num primeiro momento, a ideia era fundar um jornal mais popular, para falar ao ‘povo’, ao trabalhador numa São Paulo que crescia em urbanização, em pleno processo de aceleração industrial, mas a política cafeeira era o centro dinâmico da economia. É preciso dizer, por trás dos jornalistas que faziam o jornal,

havia os ‘donos do jornal’, que ficavam à penumbra, importantes fazendeiros, comerciantes do ramo do café, que tinham por formação serem mecenas do jornalismo. Sobretudo porque sabiam que esse era um lugar estratégico onde batalhas se decidiam.

Na revolução de 1930, a sede do jornal, onde se imprimiam as edições *Folha da Noite*, *da Tarde e Folha da Manhã*, foi empastelada. Com as instalações totalmente destruídas, a marca *Folha da Manhã* foi à venda para um ‘barão do café’. Otaviano Alves de Lima, comprou o jornal com o objetivo de ser um porta-voz dos interesses dos Fazendeiros. E esteve à frente do jornal no mesmo período de seu principal opositor, o Estado Getulista (1930-1945). Em 1945, vendeu o jornal para representantes de fazendeiros e industriais.

De 1945 a 1962, o jornal esteve sob responsabilidade de José Nabantino Ramos. A parte as modificações técnicas nos instrumentos e no formato de produções jornalísticas promovidas por Nabantino e a credibilidade que esse profissionalismo conferiu à FSP. Esse período nos interessa para observar os temas e questões que circulavam no jornal. Isso porque os anos de 1945-1962, está relacionado ao conceito de ‘ciclo ideológico do desenvolvimentismo’, que ajuda a explicar o significado histórico do pensamento econômico que levaram ao golpe de 1964 e como esse debate incidiu sobre a estrutura do modelo de desenvolvimento econômico do Brasil no período pesquisado (2003-2006).

Após 1962, o jornal passa para a administração Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira. Na década de 1980, Frias, já único dono, passa aos filhos a direção do *Folha de S. Paulo*. Otávio Frias Filho, já com carreira consolidada como jornalista, implanta o Projeto Folha. A parte do Projeto Editorial é a que mais interessa enquanto fonte para esta pesquisa. Isso porque o espaço opinativo, redefinido para as páginas 2 e 3, e a seção *Tendência & Debates*, se tornou um espaço de debates de ideias influentes. As correntes mais antagônicas do pensamento nacional debatiam nessa seção. A FSP valorizou iniciativas democráticas para consolidar o processo de ‘abertura’ política em curso e dar maior representação às tendências ideológicas à margem do debate na sociedade civil.

Neste contexto, afluíam forças sindicais e novos partidos políticos. Quando então ganha espaço no noticiário do jornal a formação do pensamento político do Partido dos Trabalhadores (PT) e, no espaço *Tendências & Debates*, as ideias do líder sindical, Luiz Inácio Lula da Silva, entre outras correntes antagônicas que nesse espaço se confrontavam. A perspectiva que brota nesse espaço ajuda a entender o objeto da pesquisa

Para além dessa fonte, em 1981, o jornal *Folha de S. Paulo* completou 60 anos. Quando então foi concluída a obra *História da Folha de S. Paulo (1921-1981)*, publicada nesse mesmo ano. Um trabalho de pesquisa de Carlos Guilherme Mota e Maria Helena Capelato, no âmbito da linha história da Imprensa do Departamento de História da FFLCH-USP. Obra que foi a referência desta pesquisa bibliográfica sobre a FSP até 1981.

Vale dizer, no entanto, que o período pesquisado pelos professores de história da USP, foi até os anos que coincidiu com o início da abertura política e à transição democrática com o final da censura prévia em 1979. Por isso, o período pós-1968 ficou conhecido como os “anos de chumbo” para a imprensa brasileira. Referência ao regime de arbítrio, com perseguições políticas aos jornais, prisões e tortura aos jornalistas não alinhados ao pensamento do golpe de 1964. O regime de censura instituído pelo Ato Institucional nº 5 (AI5), outorgou ao presidente da República o direito de impor censura prévia à imprensa. Durante a vigência do AI-5, quase toda imprensa brasileira estava submetida à censura.

Com o espaço político cerceado, o jornalismo econômico abriu novos espaços de conteúdo para explicar, no limite do possível, os efeitos da crise do petróleo de 1973, dos Planos Nacionais de Desenvolvimento (PND I e II), do BNDE, da Eletrobrás, do Milagre Econômico, por força dos juros, da inflação e do crescimento da dívida, externa e interna.

O governo militar reprimiu organizações sindicais urbanas e rurais, por outro lado, o regime oficial de inflação prejudicou os índices de reajuste salarial. Com isso, diversos movimentos operários e sindicatos de trabalhadores foram se ampliando além dos já mais combativos professores e bancários. Em 1979, o setor rural se manifestou como um movimento atuante com a greve em Pernambuco dos cortadores de cana pela posse de terra. E o Sindicato dos Metalúrgico da região do ABC Paulista entrou para valer na luta pela reparação das perdas dos salários com as memoráveis greves de 1978 e 1979, que chamou a atenção nacional para o problema da necessidade de reposição salarial, de garantia de emprego, de liberdades democráticas e mobilização dos movimentos sociais.

O que acabou dando origem à fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) em 1980, com o fim do bipartidarismo, MDB e Arena, que caracterizou o período do regime militar. A fundação do PT foi um marco dos movimentos sociais no País, por trazer o trabalhador para o centro do processo político. Além disso, a introdução do trabalhador como ator político-partidário atuante no processo de redemocratização foi um dos maiores impactos da abertura política, marcada pela participação da ‘sociedade civil’, tema na pauta da FSP

A *Folha de S. Paulo (FSP)*, vinha há tempos trabalhando o conceito de participação da sociedade civil na abertura política do País para a redemocratização. Com dito, em 1984, Otávio Frias Filho assume a direção de redação do FSP, implantando o Projeto Folha, orientando a linha editorial nesse ponto de vista, a nova concepção de jornalismo participativo na FSP, que culminou no envolvimento na campanha das Diretas-Já. Movimento que atingiu seu ápice no comício com ampla cobertura da FSP no dia 25 de janeiro de 1984, aniversário da cidade de São Paulo, que reuniu mais de 300 mil pessoas

Nesse contexto, a FSP começa a ceder páginas para novos movimentos e lideranças. Orientação que coincide com a ascensão do líder sindical, Luiz Inácio Lula da Silva, quem a FSP acompanhou os movimentos diariamente em sua agenda como notícia. Cedendo espaço para que Lula escrevesse em *Tendências & Debates* suas ideias e planos futuros. Dessa forma, à FSP deu cobertura à trajetória e às campanhas políticas do líder sindical até quando Luiz Inácio Lula da Silva chega à presidência da República em 2003. O jornal narrou, noticiou e comentou, passo a passo, seu projeto político e econômico e do PT para o Brasil, como sendo o mais genuíno movimento da luta operária no País. Por isso, o arquivo do jornal FSP justifica a escolha da fonte do objeto de pesquisa desta tese.

## Conclusão

Este trabalho visou apresentar uma tese de doutoramento que tem como problema de pesquisa dois objetos interrelacionados, a história da imprensa como narrador da História do Brasil. De um lado, o contexto do **objetivo geral**, que é colocar em perspectiva na História do Brasil o período da Nova República, que diz daquele momento que se sucedeu logo após ao fim da Ditadura Militar. Em que o maior problema econômico do Brasil era a estabilidade da moeda. De 1986 a 1991, cinco planos econômicos (Cruzado I e II; Bresser; Plano Verão; Collor I e II) fracassaram. Somente com o Plano Real em 1994, que a inflação foi controlada. Momento de transição ao século 21, demarcado por esta pesquisa. No mundo, ocorria a mudança para o paradigma tecnológico digital, do padrão material para imaterial, que atingiu todos os processos, inclusive o monetário. Momento também de preponderância da orientação do Fundo Monetário Internacional (FMI) para os países pobres e periféricos atuarem na ‘Nova Economia’ financeira global e neoliberal.

O período coincide com os anos Fernando Henrique Cardoso na presidência da República, que, se por um lado, o modelo de desenvolvimento econômico aplicado nos anos FHC controlou a inflação e a política de juros, por outro, produziu baixo crescimento e desemprego. O impacto dessas transformações atingiu o projeto social do modelo do Plano Real. E o País não cresceu. O Produto Interno Bruto (PIB), que mede o fator de desenvolvimento em relação ao modelo econômico aplicado, foi de 0,8% em 1999; em 2000 subiu para 4,3%, com queda para 1,5% em 2001 e assim permaneceu até 2002. Tema que pesquisei no mestrado em História Econômica no (PPGHE/FFLCH) sobre a primeira etapa do período chamado de transição do Brasil para o século 21 (1999-2002).

As contradições socioeconômicas inerentes ao modelo de desenvolvimento do Plano Real propiciaram a chegada ao poder de Luís Inácio Lula da Silva, em 2003. Eleito presidente do Brasil como representante do Partido dos Trabalhadores (2003-2006). Após anos de militância de esquerda e uma retórica de luta salarial e sindical, Luiz Inácio Lula da Silva, chega à presidência da República com promessas de reduzir a fome, a pobreza e as desigualdades sociais no Brasil. A estratégia do modelo de desenvolvimento proposto havia sido anunciada na campanha. O modelo de desenvolvimento econômico do 1º governo do PT, é o **objetivo específico desta pesquisa de doutorado**, que visa o debate na FSP sobre a formação do pensamento econômico brasileiro na transição ao século 21.

Portanto, a tese parte da hipótese de que a *Folha de S. Paulo* influenciou e **propiciou debates influentes**, não somente por cobrar coerência na aplicabilidade do modelo econômico, mas também para cumprir promessas de campanha, que a FSP acompanhou *pari passo*. Acompanhou também as questões relacionadas ao programa econômico que considerou medidas “corajosas de mudanças para um novo modelo”, apresentadas como tema central proposto pelo Partido dos Trabalhadores (PT) para chegar ao poder em 2003.

Para atingir tais objetivos, repassei os passos metodológicos, problemas e a teoria com a qual fundamentei pressupostos para acessar de forma sistematizada o arquivo/acervo digital da FSP. No período demarcado (2003-2006), o jornal estava sob a orientação editorial do Plano Folha, que além de acompanhar tendências do mercado, tinha por proposta incentivar o debate de ideias e opinião para formação de uma sociedade civil informada e atuante. Fatores que por si justificam a escolha da fonte para a defesa da tese.

## Referência Bibliográfica

Acervo Folha de S. Paulo <https://acervo.folha.com.br/index.do>

AQUINO, Maria Aparecida de. Censura, Imprensa Estado Autoritário (1968-1978), Bauru, SP: EDUSC, 1999

BRAUDEL, Fernand. Conferência. Lição inaugural da Cadeira de História da Civilização Moderna. Revista de História da USP. V. XXXI.n.63. p.01-20 jul-set. 1965, acesso: <https://revhistoria2.webhostusp.sti.usp.br/wp-content/uploads/revistas/063/A001N063.pdf>

ARÓSTEGUI, Júlio. A Pesquisa Histórica – teoria e método. Bauru, SP: EDUSC, 2006

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2015

KUCINSKI, Bernardo. Jornalista e Revolucionários nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta Ed. 1991

LUSTOSA, Isabel. O Nascimento da Imprensa Brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

MANUAL DE REDAÇÃO – Folha de S. Paulo. São Paulo: Publifolha, 2018

MARCONI, Paolo. A Censura política na imprensa brasileira (1968-1978) São Paulo: Global, 1980

MARQUES DE MELO, José. Jornalismo opinativo. Campos do Jordão, SP. Editora Mantiqueira, 2003

MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina de. História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Ed. Contexto, 2008

MOTA, Carlos Guilherme e CAPELATO, Maria Helena. História da Folha de S. Paulo (1921-1981). São Paulo: Impress., 1981

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1977

XVIII Congresso de História Econômica:

Problemas, Objetos e Métodos

05 e 06/12/2023 – São Paulo, SP

SEVCENKO, Nicolau. Jornalismo, disseminação e democracia. São Paulo: Publifolha,

2003

PPG  
HE

 fflch

 USP